

EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS: A VIVÊNCIA DE BOLSISTAS DO PIBID NA ESCOLA PÚBLICA

Sara Lima de Sousa ¹

Lívia de Lima Machado ²

José Maximiano Arruda Ximenes de Lima ³

RESUMO

Este artigo apresenta as práticas docentes no ensino de Artes Visuais realizadas em uma escola pública em Fortaleza - CE, destacando os desafios enfrentados pelos educadores e as soluções pedagógicas adotadas em sala de aula. A pesquisa tem como base um estudo de caso vinculado ao subprojeto do PIBID em Artes Visuais, utilizando o desenho criativo como linguagem artística central, explorando seu potencial educativo e cultural com o intuito de aplicar possibilidades pedagógicas como a metodologia ativa para promover o engajamento inventivo dos alunos dentro da realidade materialmente precária do ensino público. Tendo em vista essa realidade, a proposta se ancora nos referenciais teóricos de Ana Mae Barbosa (2005), que discute o ensino da arte como prática reflexiva e formadora no processo de aprendizagem, priorizando a articulação entre teoria e prática. As atividades desta pesquisa em arte foram aplicadas por duas bolsistas de iniciação à docência com apenas uma turma do ensino fundamental, a abordagem qualitativa revela os dados que foram coletados por meio de registros em diário de campo, observação participante, fotografia, atividades e análise das produções dos alunos. Dessa forma, este trabalho buscou contribuir para o fortalecimento do ensino de Artes Visuais na escola pública. Os resultados apontam que as práticas ativas contribuem para a expressão criativa, ampliam a sensibilidade dos estudantes e o interesse deles. Para os pesquisadores, a experiência representou uma oportunidade de aproximação com a realidade escolar, de construção colaborativa do conhecimento e de desenvolvimento de competências pedagógicas essenciais para a docência em Artes Visuais.

Palavras-chave: PIBID, Artes Visuais, Formação Docente, Criatividade, Identidade Cultural, Metodologia Ativa.

¹Bolsista PIBID/Artes Visuais/IFCE

Graduanda pelo Curso de Artes Visuais do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará– IFCE, sara.lima.sousa06@aluno.ifce.edu.br;

² Graduanda pelo Curso de Artes Visuais do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, livia.machado08@aluno.ifce.edu.br;

Coordenador da área de Artes Visuais/PIBID/Artes Visuais/IFCE

³ Professor orientador: Doutor, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, max@ifce.edu.br.





Afinal, conhecer Arte não é somente saber dizer algo sobre Arte, mas sim deixar-se afetar por algo que é disponibilizado e que é significativo para a vida humana, e poder disponibilizar algo que seja artístico para que outras pessoas possam vivenciar o mesmo processo e também contribuir socialmente. (PIMENTEL, 2017, p. 311)

INTRODUÇÃO

O ensino de Artes Visuais nas escolas públicas brasileiras ainda enfrenta diversos desafios, entre eles a escassez de recursos didáticos, a desvalorização da disciplina no currículo escolar e a ausência da valorização juntamente com a formação continuada voltada às especificidades da linguagem artística. Esses entraves acabam por limitar o potencial formativo das práticas pedagógicas em Arte, tornando o ambiente escolar pouco propício à construção de experiências estéticas significativas, contudo a pesquisadora Pimentel afirma que a prática artística não está condicionada ao uso de materiais sofisticados, mas sim à sensibilidade do olhar e à liberdade de criação do sujeito.

A imaginação tem um papel fundamental da concepção cognitiva em arte, porque desenvolve sentidos por meio de metáforas. O tensionamento entre imaginação e imagem pode ser considerado uma operação cognoscível. Tem-se, então, a evidência da cognição imaginativa como possibilidade de construção de conhecimento. (PIMENTEL, 2013, p. 66)

Nesse contexto, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), coordenado pela CAPES, se apresenta como uma estratégia relevante para a qualificação da formação docente inicial, ao permitir a vivência prática em escolas públicas durante o período de graduação. No caso específico do subprojeto PIBID em Artes Visuais do Instituto Federal do Ceará (IFCE), a atuação na Escola pública propiciou as bolsistas em formação um espaço de experimentação pedagógica, onde o desenho criativo como linguagem artística foi explorado como eixo central de uma sequência didática ativa.

A partir de registros realizados em diário de campo, observação participante e a aplicação de oficinas que tiveram poucos recursos, a coleta das produções artísticas, fundamentação teórica sobre ensino de arte com metodologias ativas, esta pesquisa pretende refletir sobre o papel do professor como instigador. Sendo na formação docente e no



fortalecimento de identidades culturais no ambiente escolar um dos eixos articuladores secundários deste artigo.

Ao desenvolver propostas abertas e sensíveis, os pesquisadores envolvidos no projeto vivenciaram uma prática pedagógica que valoriza não apenas a produção estética, mas também o processo reflexivo que ela desencadeia. Como destacado por Pimentel (2018), a arte-educação precisa se reinventar para acolher as experiências dos sujeitos e fomentar aprendizagens que transcendam a técnica. Nesse sentido, as oficinas realizadas buscaram criar um ambiente onde a liberdade criativa fosse entendida como ferramenta de expressão, pertencimento e construção de identidade.

Do ponto de vista teórico, autores como Ana Mae Barbosa, Lucia Gouvêa Pimentel e Fayga Ostrower contribuem para a compreensão do ensino de arte e auxiliam nessa pesquisa, a arte também é como espaço de construção de sentidos, onde a criatividade, a escuta e a contextualização cultural são fundamentais. Pimentel defende uma prática pedagógica sensível e dialógica, que acolha as vivências dos sujeitos e estimule o pensamento inventivo.

Por sua vez, Ostrower compreende a criatividade como uma dimensão essencial da liberdade humana, frequentemente reprimida pelas estruturas sociais e educacionais, o que reforça a necessidade de ambientes escolares que favoreçam o livre fluir do potencial criativo de cada indivíduo. Neste contexto, a presente pesquisa tem como objetivo relatar e refletir sobre uma experiência pedagógica realizada com estudantes do 6º ano a partir dessas observações das oficinas.

O trabalho com a expressão criativa, portanto, mostrou-se eficaz não apenas do ponto de vista didático, mas também formativo, contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos. Assim, esta pesquisa apresenta um recorte dessa experiência, a justificativa da proposta se fundamenta na constatação de que muitos estudantes apresentam resistência às práticas escolares convencionais, o que pode ser revertido por meio de metodologias que dialoguem com seus interesses, potencialidades e contextos.





A arte-educação contemporânea vem procurando estabelecer novas bases para o ensino, valorizando os aspectos cognitivos que envolvem reflexão crítica, além da compreensão histórica, social e cultural da produção artística em diferentes formatos e sociedades. Dessa forma, nosso projeto para os alunos dentro do PIBID foi realizado pensando em como

conquistar sua atenção por meio da realização da arte em que eles já estavam previamente interessados e então abordaremos melhor seu contexto teórico e prático em sala de aula.

Após o período inicial de observação, notamos que os alunos demonstraram maior engajamento nas aulas quando estavam imersos nas atividades proposta, distanciando-se da metodologia tradicional em que o professor e o livro eram vistos como os únicos detentores do conhecimento. Diante disso, foi idealizada uma segunda oficina focada em expressão criativa, na qual os alunos foram incentivados a desenvolver seus próprios desenhos a partir de fragmentos de forma de nuvem esboçada em folhas de papel. A partir dessa base, cada estudante criou uma imagem única, exercendo sua autonomia e protagonismo no processo criativo.

Além disso, também percebemos grande afeição da turma a personagens de jogos, gibis e desenhos animados, produzindo a ideia de uma oficina focada em quadrinhos e a criação de personagens. A fim de trabalhar questões artísticas com as potencialidades e interesses demonstrados pelos estudantes da turma. Essa atividade teve a intenção de demonstrar para os alunos que as produções fora dos museus também são consideradas arte, e que eles são capazes de produzir arte assim como seus ídolos.

Nesse sentido, também há uma grande expressão da própria identidade de cada aluno em seu personagem, seja na demonstração de seus interesses, traços estéticos, ou simplesmente na reflexão do temperamento demonstrado pela personagem. Esse exercício por vez coloca os alunos como autores e ilustradores de suas próprias histórias, promovendo reflexões sobre quem são e o que gostam.





Ambas as atividades realizadas, foram voltadas para estimular o pensamento crítico e a imaginação, e transformar os alunos em agentes ativos da própria aprendizagem. Assim, decidimos aplicar a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, afim de explorar o contexto da maioria dos alunos e incentivar seu interesse pelas diversas aulas de artes que virão no futuro.

Uma distinção importante a ser feita é entre metodologias, propostas ou abordagens. As metodologias geralmente são vistas como padrões rígidos a serem seguidos, o que pode restringir o potencial criativo do professor em suas aulas. Aqui, entende-se abordagem como

um procedimento fixo, voltado à obtenção de um determinado “bom” resultado. Sua aplicação não exige, necessariamente, o domínio dos fundamentos que o sustentam, mas sim a execução de passos e fórmulas que visam alcançar um efeito previamente definido.

A Abordagem Triangular, sistematizada por Barbosa, é uma proposta teórico-metodológica que busca transformar o ensino da arte ao articular três eixos fundamentais: ler, fazer e contextualizar. Essa abordagem surgiu como crítica ao ensino modernista, que valorizava a expressão espontânea e desconsiderava a análise crítica e histórica das imagens. Barbosa propõe que o ensino de arte seja mais do que uma prática técnica ou livre; ele deve envolver a leitura crítica de imagens, a produção artística significativa e a contextualização histórica, social e cultural do que se ensina e aprende.

As propostas reconhecem a importância do contexto do aluno e da experiência estética como fundamentais para a aprendizagem, promovendo o desenvolvimento da sensibilidade, da reflexão crítica e da autonomia criativa. Não se trata de uma metodologia rígida ou prescritiva, mas de uma abordagem flexível, que pode começar por qualquer uma das três pontas do triângulo, dependendo das necessidades da turma, do conteúdo e da realidade sociocultural envolvida. O educador de artes atua como ponte entre diferentes culturas e saberes, aproximando o estudante da arte como parte viva de seu cotidiano e de sua identidade.





A leitura de imagens, sejam elas da história da arte, do cotidiano ou da cultura visual contemporânea, ganha centralidade no processo educativo, superando o receio modernista da "cópia" e valorizando a análise como ferramenta de compreensão e transformação do mundo. O fazer artístico, por sua vez, não é visto como fim em si mesmo, mas como ação que desenvolve cognição, expressão e significado. Já a contextualização permite situar a produção e a fruição artísticas em suas dimensões culturais, políticas e sociais, ampliando o repertório dos alunos e favorecendo a construção de sentidos críticos e plurais.

A Abordagem Triangular, assim, propõe um ensino de arte que integra experiência, conhecimento e sensibilidade, promovendo a construção de sujeitos críticos e criativos. É uma proposta que rompe com a visão tradicional da arte na escola como mero passatempo ou

atividade recreativa, e a reposiciona como prática cultural, educativa e transformadora. Arte não é básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve.

Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano. (BARBOSA, 2005, p. 4). Ao registrar as vivências das oficinas o presente estudo busca fortalecer o debate sobre a importância da Arte na escola pública, bem como inspirar novas práticas pedagógicas que coloquem a sensibilidade e a criação no centro do processo educativo. Assim, este trabalho tem como objetivo apresentar e analisar duas experiências pedagógicas em Arte realizadas no ensino fundamental, destacando como práticas com foco na criatividade podem contribuir para o desenvolvimento da autonomia, do senso estético e da participação ativa dos estudantes

METODOLOGIA

O presente artigo é uma pesquisa em ensino de artes realizada a partir da observação e atuação dentro de sala de aula que segundo BARBOSA (2009) é de certa forma, uma novidade para o mundo acadêmico das artes, pois para Ana Mae, “no Brasil, antes da criação de um mestrado e um doutorado em arte-educação, havia experimentação, mas não havia pesquisas – salvo duas ou três exceções.” (BARBOSA, 2009, p.123).





Ademais, a pesquisa também conta com uma abordagem qualitativa, fundamentado nas ações desenvolvidas apresentando a vivência de duas bolsistas do subprojeto PIBID em Artes Visuais gerenciado pela graduação do IFCE no primeiro semestre de 2025. As atividades foram realizadas em uma Escola pública Municipal, localizada em Fortaleza -CE, com alunos do 6º ano, ensino fundamental II. Além das observações realizadas durante as aulas, os dados foram coletados por meio de diário de campo. As produções visuais dos estudantes também foram documentadas fotograficamente, com a devida autorização da equipe pedagógica da escola e preservação da identidade dos alunos. Esses materiais serviram como base para a reflexão e análise qualitativa dos resultados das oficinas, permitindo observar aspectos como engajamento, autonomia e criatividade.

AULA 1

A primeira oficina consistiu em uma atividade de expressão criativa, aplicando uma breve explicação e discussão em sala de aula sobre o que significava se “expressar” através da arte para eles. Ao fim da discussão, foram distribuídas folhas impressas com formas abstratas derivadas de um meio desenho de nuvem, essa mesma imagem foi igualmente dividida entre os estudantes, colocando para eles o objetivo de terminar o desenho com qualquer outra forma, menos a de uma nuvem, visando estimular a imaginação e o protagonismo dos estudantes. A metodologia utilizada foi baseada no pensamento de Ostrower (2010) sobre criatividade livre:

Criar livremente não significa poder fazer tudo e qualquer coisa a qualquer momento, em quaisquer circunstâncias e de qualquer maneira. Vemos o ser livre como uma condição estruturada e altamente seletiva, como condição sempre vinculada a uma intencionalidade presente, embora talvez inconsciente, e a valores a um tempo individuais e sociais. OSTROWER (2010, p. 165)

Em síntese, o foco principal das ações foi o desenvolvimento da expressão criativa dos alunos por meio de poucos recursos materiais, com o objetivo de estimular a imaginação, a sensibilidade e a autonomia nas produções visuais. Como enfatiza Rejane Coutinho “Criar é dar forma ao que ainda não tem forma. É permitir que o pensamento, o sonho e a experiência encontrem um meio de existir” (COUTINHO, 2020, p. 49).





AULA 2

Já a segunda oficina envolveu a criação de personagens, articulando os repertórios visuais dos alunos com referências da cultura popular, quadrinhos e desenhos animados. A aula usou de uma breve introdução sobre o que são gibis, histórias em quadrinhos e como é feita sua construção com base nas teorias do livro “Desvendando os Quadrinhos” (1995) de Scott McCloud para melhor embasamento do tema.

Em seguida, foi exemplificado a criação de um personagem com foco no desenvolvimento de três características principais que chamam mais atenção, sendo usado como base os protagonistas da série de gibis “Turma da Mônica” do autor Maurício de Souza, devido ao seu conhecimento popular cultural. Assim, alguns alunos desenharam na lousa personagens como: Mônica, Cebolinha, Cascão e Magali, e a turma apontou os traços mais

marcantes de cada um. Por fim, a atividade exigida foi a realização do seu personagem autoral, e do lado as especificações que o fazem especial.

REFERENCIAL TEÓRICO

O processo de ensino-aprendizagem em Artes Visuais fundamenta-se em diferentes correntes que valorizam a criatividade como elemento central da formação do sujeito. Fayga Ostrower contribui de maneira seminal ao entender a criatividade não como traço exclusivo de poucos, mas como potencial inerente a todo ser humano, cujo livre fluir é permanentemente condicionado por fatores sociais, econômicos, políticos e culturais. Para OSTROWER (2010), a tarefa pedagógica consiste em denunciar e superar essas barreiras, criando espaços de liberdade onde o aluno possa reinventar imagens, ideias e narrativas a partir de fragmentos do cotidiano.

A Abordagem Triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa na década de 1980, reforça essa perspectiva ao propor que toda experiência em arte passe por três momentos indissociáveis: o **fazer** (o contato direto com materiais e técnicas), o **fruir** (a apreciação sensível da obra) e o **contextualizar** (a compreensão histórica e cultural dos processos artísticos). Em sala de aula, essa proposta convida o educador a transcender o tecnicismo e a





estimular o pensamento artístico por meio de atividades que integrem prática, reflexão e diálogo com outras áreas do saber.

Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

O método de criação de personagens elaborado por Scott McCloud traz consigo a expressão pessoal do indivíduo sem apego a técnicas de desenho realista, de acordo com McCloud, a capacidade que o Cartum tem de concentrar nossa atenção numa idéia é parte importante de seu poder especial, tanto nos quadrinhos como no desenho em geral. (...) Quanto mais cartunizado é um rosto, mais pessoas ele pode descrever. (MCCLOUD, 1995, p. 31). Desse modo, os alunos tem autonomia criativa e técnica sobre seus desenhos, sem a necessidade de praticarem cópias perfeitas, uma vez que o estilo é valorizado sem padrões críticos estéticos, apenas em termos de expressividade artística.

PIMENTEL (2018) retoma esses preceitos para apontar que as “práticas artístico-pedagógicas” só ganham efetividade quando rompem o modelo estanque de docência e abraçam projetos dinâmicos, onde teoria e prática se entrelaçam de forma dialógica. Nesse sentido, Pimentel defende que o uso de materiais simples; folhas, lápis de cor, giz de cera, manchas iniciais de desenho, pode ser ferramenta poderosa para estimular a invenção estética, pois desloca o foco da “correção técnica” para a autonomia criativa e o engajamento afetivo dos estudantes.

A proposta de autoeducação estética, desenvolvida por COUTINHO (2013), amplia ainda mais essa visão ao considerar a arte como processo de conscientização de si e do outro. Por meio de atividades que gerem a reflexão, como a transformação de formas-limite em narrativas visuais, o aluno se reconhece sujeito de sua própria história, reforçando laços de alteridade e pertencimento cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira oficina aplicada pelas bolsistas parte de uma atividade onde foram entregues folhas com parte de um desenho de nuvem pela metade, onde os alunos teriam que criar a partir da meia forma uma nova imagem com a sua ideia, desse modo colocando os





alunos como protagonistas. A atividade teve como foco estimular a criatividade dos alunos, em primeiro momento depois de explicar a atividade que seria desenvolvida na turma de 6º ano, turno manhã, a adesão dos alunos foi quase que instantânea, onde toda a turma participou ativamente da proposta. Entretanto, essa atividade se torna algo que consegue fugir do cotidiano das aulas teóricas, onde a metodologia tradicional tem o professor e o livro sendo os únicos depósitos de conhecimento.

Também foi observado e evidenciado nessas oficinas que metodologias ativas cativam e captam o interesse dos alunos, para Ostrower, a criatividade não é um privilégio de poucos, mas um traço fundamental da nossa humanidade, constantemente cerceado por fatores sociais, econômicos, políticos e culturais. Ela rejeita qualquer visão da criatividade como um dom raro ou compartimento isolado de estudo, mostrando-a como parte intrínseca do nosso cotidiano e de nossa liberdade essencial.

Em seu olhar, as estruturas que são impostas desde as convenções escolares até as pressões de mercado acabam por alienar o indivíduo de seu potencial criativo, apagando aquilo que ele traz de mais irreversível em si: a capacidade de inventar, de sonhar e de transformar o mundo a partir de si mesmo.

A segunda oficina ministrada pelas bolsistas partiu pela observação em sala ao perceber que muitos alunos demonstravam afinidade com personagens de jogos, quadrinhos e desenhos animados. Assim, foi estruturada uma aula focada na criação de um personagem autoral, a partir de seus repertórios visuais cotidianos. A proposta incentivou os estudantes a explorarem características estéticas, simbólicas e narrativas em seus desenhos, conectando o fazer artístico à leitura crítica da cultura visual contemporânea e às suas próprias experiências enquanto jovens em formação.

A atividade teve como foco trabalhar temáticas estéticas a partir de um tema previamente estimado pela turma, a fim de estimular a produção artística e a dedicação às próximas aulas de Artes Visuais. Nesse sentido, foi elaborado em sala uma aula teórica sobre a construção de um personagem a partir dos protagonistas de “Turma da Mônica” do autor Maurício de Souza, enfatizando as diferenças estéticas de cada personagem, fazendo um breve exercício de leitura de imagem.





Também foi evidenciado nessa oficina em específico que houve uma grande expressão individual dos alunos em suas próprias produções, e isso não é coincidência, segundo McCloud, nós humanos “somos uma espécie centrada em nós mesmos. Nós vemos a nós mesmos em tudo. Atribuímos identidade e emoção onde não existe nada e transformamos o mundo à nossa imagem” (MCCLOUD, 1995, p. 33).

Assim o personagem é construído para demonstrar emoções, traços de identidade e personalidade por aquele que o produz. Além disso, um personagem eficaz faz com que o espectador se identifique com ele. Para facilitar essa identificação, os personagens são geralmente representados de forma simplificada e abstrata, e não de maneira realista. Ou seja, não há pressão técnica sobre os desenhos dos alunos, uma vez que o foco é a representação de um personagem autoral para o seu universo ideal. Segundo McCloud (2005), ao vermos um rosto realista, o percebemos como o de outra pessoa; já um rosto mais simples e estilizado nos leva a enxergar a nós mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidenciou a potência das práticas de expressão criativa e criação de personagens nas metodologias práticas no contexto do ensino de Artes Visuais na escola pública, especialmente quando aliadas ao uso de materiais simples e à valorização da autonomia dos estudantes. Ao propor atividades lúdicas, acessíveis e abertas à imaginação como a transformação de uma forma livre em produções autorais foi possível observar um bom engajamento, desenhos que tiveram bons resultados e fortalecimento da autoestima dos alunos como artistas.

O trabalho dialoga com teorias que compreendem a criatividade como um direito humano e uma via para o autoconhecimento, que independe de classe social, logo se torna uma forma de nivelar mesmo que de forma curta, simples e sem grandes impactos para um primeiro caso, contudo, pode se tornar a faísca para um futuro jovem que veja no estudo uma forma de transformação social, mostrando também que práticas pedagógicas sensíveis e inovadoras podem romper com o ensino tradicional e criar espaços verdadeiramente formativos.





A experiência aqui relatada, desenvolvida no âmbito do PIBID Artes Visuais, reforça o papel dos programas de iniciação à docência como territórios férteis para a articulação entre teoria e prática, além de contribuir para a formação crítica de futuros professores. Espera-se que os resultados alcançados incentivem outras propostas educativas voltadas à liberdade de criação e ao desenvolvimento de metodologias que estimulem a imaginação no cotidiano escolar. Recomenda-se, por fim, a continuidade de pesquisas sobre o impacto das linguagens artísticas na construção de subjetividades, na elaboração de práticas que visem o baixo custo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no Ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos. Situação conceitual do ensino de arte no Brasil: os anos oitenta e as expectativas para o futuro**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. [livro eletrônico]. -- 1. ed. -- São Paulo: Cortez, 2021.

BARBOSA, Ana mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

COUTINHO, Rejane Galvão. **O educador pesquisador e mediador: questões e vieses**. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, p. 45–55, 2013. DOI: 10.35699/2238-2046.15462. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15462>. Acesso em: 15 jul. 2025.

KAMLOT, Daniel; GOUVEIA Tânia Maria de Oliveira Almeida. **Apreciação das influências sociais e da relação entre artes e educação no desenvolvimento de cidadania**. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, v. 15, n. 33, p. 179–209, 2025. DOI: 10.35699/2238-2046.2025.53768. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/53768>. Acesso em: 23 mai. 2025.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. M. Books do Brasil Editora: São Paulo, 1995.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PETERSON, Sidney; MIDORI, Amanda. **O Ensino Artístico que Temos e o que Queremos: Posturas, Histórias e Experiências no Brasil e em Portugal**. Porto: i2ADS, 2021. Disponível em: <https://www.up.pt/enrede/alfa/wp-content/uploads/2024/03/O-Ensino-Artistico-que-Temos-e-o-que-Queremos.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2025.





PIMENTEL, Lucia Gouvêa; MACALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos. **Docência em Arte no contexto da BNCC: É preciso reinventar o ensino/aprendizagem em Arte?**. Revista GEARTE, [S. l.], v. 5, n. 2, 2018. DOI: 10.22456/2357-9854.83234. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/83234>. Acesso em: 04 jun. 2025.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Abordagem Triangular e as narrativas de si: autobiografia e aprendizagem em Arte**. Revista GEARTE, [S. l.], v. 4, n. 2, 2017. DOI: 10.22456/23579854.71493. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/71493>. Acesso em: 04 jun. 2025.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Práticas artísticas e práticas pedagógicas: praticar o quê, para quê?**. Revista Digital do LAV, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 342–348, 2018. DOI: 10.5902/1983734833428. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/33428>. Acesso em: 04 jun. 2025.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Cognição Imaginativa. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, p. 96–104, 2013.** DOI: 10.35699/2238-2046.15640. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15640>. Acesso em: 04 jun. 2025.

